



Ano	1970
Enredo	1922 – Oropa, França e Bahia (Semana de Arte Moderna)
Carnavalesco	Departamento Cultural

1922 – Oropa, França e Bahia (Semana de Arte Moderna)

Epigrafe:

Em muitas culturas pré-letradas, o poder vinculativo da tradição oral é tão forte que o olho está subordinado ao ouvido. No princípio era o verbo: uma palavra falada não a visual do homem letrado. Entre os esquimós não existe escultura silenciosa. Os ídolos são desconhecidos; pelo contrário, as divindades são dançarinos mascarados que falam e cantam. Quando a mascar fala, contém significado e valor; silenciosa estática – ilustrada num livro ou pendurada num museu – é vazia de valo.

Os fundamentos metafísicos e antropológicos estão presente e nítidos nas Escolas de Samba, ainda. As virtudes histrônicas dos componentes, pela versatilidade e pelo virtuosismo, tendem para um maior apuro, ainda.

Cabe a nós a preservação desta preciosidade que nos coube por destino, para que não aconteça com as Escolas de Samba o que ocorreu com o Pastoril, o Reisado, O Bumba Meu Boi, a Chegança etc.

Há tempo ainda.

É tempo de amar o que se amou.

“Vem cá, Brasil. Deixe eu ler a sua mão, menino”

Raul Bopp

Os que iniciaram o movimento preocuparam-se em chamar atenção para um Brasil diferente, num privilégio de descobrir coisas, espalhar ternuras estéticas, fixar os meridianos para um novo “Diálogo das Grandezas do Brasil”. Raça de homens, de ideais asseados e de inteligências enxutas, que abriram para o Brasil o leque das suas reais perspectivas.

“Era na Avenida Rio Branco (muralha de edifícios) onde mora Vei, a Sol, com suas três filhas de luz.

- Meu genro: você carece de casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa, França e Bahia.”

(Macunaíma – Página 95)

A representação de uma Escola de Samba é um Auto. No desfile a Escola não chega – baixa – como se diz nos terreiros.

De repente, eis!

É uma verdadeira detonação estética, natural, aparentemente como uma paisagem. Há muito de metafísico e de místico numa Escola desfilando, além da distribuição processional dos componentes. O desfile é uma cerimônia, uma excelência, além de ser um privilégio para quem participa.

O que se chama Teatro Total é nitidamente presente no espetáculo. No teatro tradicional, ao que sabemos, as melhores tentativas foram feitas no “Livre de Christophe Coloumb” de Claudel, no “Porgy and Bess” de Gershwin e no “Tiradentes” do nosso Flavio Rangel, embora sem alcançar o “distanciamento” brechtiano e sem prescindir do Camafeu.

As Escola de Samba oferecem um espetáculo de Teatro Total. Nelas, todas as artes são presentes: da música, poesia e dança às artes plásticas, figurinos, etc. E mais, o artista – o sambista – é utilizado em toda sua potencialidade, dá vazão a todo poder criador, quer no plano comunicativo, quer no ritual, quer nos elementos totais. Do sambista extrai-se todos os recursos artísticos de que é capaz. Ele canta, dança, grita, fala, vibra, saracoteia, em exuberante riqueza mímica, numa linguagem intensamente rica de sentido áudio-visual-plástica, mítico-mágica. Os recursos humanos dos componentes são usados completamente.

O Camafeu não existe na Escola de Samba – o Maior Espectáculo Teatral do Mundo – onde as virtudes histriônicas estão soltas, e são exercidas naturalmente como o ato de respirar.

Sinopse:

O recado e o destinatário da Semana de Arte Moderna.

O Século XX começa no Brasil, exatamente em fevereiro de 1922.

O ano de 1922 marca com festividades o Centenário da Independência, constando da programação oficial “fuçanatas de truz” acontece que a Independência declarada por D. Pedro I era puramente política e administrativa, eis que, até 1922, no Brasil, os políticos, os escritores, os mestres d’obras, os

poetas, os compositores eruditos e o povo, (por coação irresistível das elites) continuavam pensando e agindo de acordo com os padrões estrangeiros. Só era correta a escrita a maneira portuguesa – a expressão “funçanatas de truz” era de uso oficial e ainda há, vivos, brasileiros natos que foram alfabetizados... em francês.

Os romances, os versos, a escrita (oficial, coloquial e da imprensa) eram no fundo, na forma e no resto portugueses. Houve um livro didático de uso obrigatório nas escolas primárias – O Coração – traduzido do italiano. Autor D'Amicis; tradutor: João Ribeiro.

Puff

O Rei mandou me chama

Pra casa com sua fia,

O dote qu'ele me dava

Oropa, França e Bahia.

Os pintores e os escultores imitavam servilmente os artistas estrangeiros. Os maestros e os compositores eram carbonos passivos e pimpões, de modelos importados. Da arquitetura, que pode lembrar, sem náuseas, a fachada totêmico-pornográfica do Elixir de Nogueira, na Glória?

O carnaval era uma festa européia. O “Zé Pereira” era aquilo que se sabe. Respeitáveis, zelosos e truculentos chefes de família, importavam da França e adjacências “moças-damas”, manteiga, monóculos, sotaque e jeitão.

As lendas, o folclore, a culinária, simplesmente não eram aceitos pela elite da época. A paisagem era admitida com restrições e para piqueniques e convescotes, quando visitantes estrangeiros solicitavam.

O Guarany é um romance português com índios de Rousseu e a Ópera do mesmo nome é tipicamente italiana e com os mesmos índios.

Iemanjá, mulata, violão, feijoada não eram citados nem para serem negados.

No carnaval, o chamado “grand monde”, no jargão dos cronistas mundanos (pois já os havia) bailava tangos, polcas, schotzs, chulas e mazurcas e faziam o corso, em carros floridos, como em Nice.

Nas altas esferas da administração pública e da política, falava-se, ainda, em direito natural, em liberalismo econômico...

Em fevereiro de 1922, em São Paulo, um grupo de escritores, poetas, pintores, arquitetos, jornalistas e povo, que já vinha tentando libertar o pensamento brasileiro do ranço europeu, depois de várias reuniões em redações de jornais, clubes e teatros, resolveram proclamar a Independência Cultural do Brasil, publicamente, com estardalhaço, nas ruas e nas praças, enfrentando a hostilidade das áreas endurecidas, impermeáveis e intolerante as novas conquistas da inteligência do que elas chamavam de Modernistas.

A Semana de Arte Moderna, como ficou conhecido o movimento de rebeldia cultural, libertou o pensamento e o comportamento dos brasileiros dos freios, dos bridões e dos antolhos da tradição européia.

A autonomia e o enriquecimento de todos os setores culturais do Brasil só foi possível depois do movimento de 1922, inclusive na orientação política e sócio-econômica. Houve até a marca surrealista de Sangue nas Areias de Copacabana, em julho de 1922 – e sangue de todas as cores.

Mário e Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida, Candido Motta Filho, Plínio Salgado, Sergio Milliet, Anita Malfatti, Brecheret, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Ronald de Carvalho, Sergio Buarque de Holanda, Paulo Prado, Murilo Araújo, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Raul Bopp, e outros, e muitos imbuídos dos mais sadios e asseados propósitos, conseguiram que as preciosidades populares e as ricas tradições do Brasil, intencionalmente mantidas em latência, fossem oferecidas à admiração e á reverência do mundo.

E houve também Graça Aranha, sacerdote, usuário e pontífice da velha seita que, pela sensibilidade, pela inteligência e por destino, compreendeu que os novos dias eram chegados e pregou a demolição dos bolorentos e instáveis módulos estéticos dentro do templo, a Academia de Letras, o “Petit Trianon”.

E aconteceu a “bagunça épica”. E um novo “Diálogo das Grandezas do Brasil” começou a ser escrito. E o fermento fez o pão. E o que era sáfaro se fez fértil e as flores e os frutos aí estão autoctores!

O nosso enredo é um tema, uma fantasia carnavalesca, despretensiosa e lúdica. Apresenta em quadros vivos, em Teatro Total, momentos de poesia, do cancionista e do romancista dos intelectuais da Semana de Arte Moderna. De Brecheret o equilíbrio das formas; de Anita Malfatti a agressividade das cores; de Tarsila do Amaral as nuances que mostram o “parentesco das cores”; de Monteiro Filho a genialidade; dos componentes da Escola tudo e o resto.

E será num domingo “pé de cachimbo” como dizia Macunaíma de boa memória e melhores feitos.

“Oropa, França e Bahia” – expressão antológica, corriqueira e irremediável no Brasil, de Norte a Sul, há mais de um século, figurando em gabinetes, mourões, galopes, abecês e Literatura de Cordel, mostrando o enfado provinciano endinheirado, inculto e pretensioso, que é de não saber pronunciar as palavras, ainda separa a França da Europa.

A Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, por procurar, encontrou na área cultural o elemento de realização e de comunicação do que se propõe apresentar – um Carnaval de padrões estéticos anti tradicionais, exercendo a liberdade que a Semana de Arte Moderna conquistou e que será apresentada ao povo, legítimo destinatário, em música, em dança, em formas, em cores e principalmente nos contra pontos, nas fugas, nas entre linhas do Samba de Enredo e na ginga erótica e malandra das mulatas que serão onipresentes, porque aspergidas na Escola como canela no mingau... A mensagem da Semana de Arte Moderna, transmitida por um poderoso veículo de comunicação de massa, e uma Escola de Samba, ultrapassa, na realidade, os sonhos mais avançados daqueles visionários que em 1922 contestaram o sistema estabelecido, o qual se defendeu precisamente caluniando seus contestadores de divorciados do povo, herméticos, estetas de arte pura, isolados em torres de marfim etc Essa balela prolongou a agonia do sistema e prorrogou,, com purpurina e óleo de banana, peremptos dourados acadêmicos.

Hoje a Imperatriz faz viver nas ruas as Negra Fulô, as Mulher dos Cabelos Verdes, os Macunaíma, os André de Leão, os Cobra Norato, compreendidos; e amados pelo povo, eis que são a sua imagem e semelhança, pela sensibilidade, pelas implicâncias, pelos méritos, pelos deméritos, pela rebeldia, pela passionalidade e principalmente pela ginga...

Roteiro do desfile:

Abre Alas – A Heráldica eterna dos estandartes

1º QUADRO:

- **Comissão de frente** – Constituída exclusivamente por mulheres.
- **Os Dragões do Centenário** – Estilização cenográfica da Guarda Imperial, em uniforme de gala. Dragões do Centenário foi o nome dado por Mário de Andrade aos integrantes do Movimento Modernista e por comemorar-se em 1922 o Centenário da Independência.

As moças que constituem a comissão de Frente, vão se portar como quem são – com elegância, cordialidade e distinção,- mas, por vocação e por destino, vem trazendo o samba no pé, sob forma gentil do “Partido Alto”.

2º QUADRO (AMBIENTE DE 1922):

- A moda, os tipos, os costumes, as atitudes.
- Melindrosas, almofadinhas, mariskas (coristas da época).
- Vendedor de plantas, vendedor de sorvetes, mascate, entregador de marmitas.

3° QUADRO (Macunaíma – Mario de Andrade):

- **Macunaíma** - É uma parábola, uma prosa mítica de Mario de Andrade. Saga de fundo folclórico com herói mítico, pluri dimensional, trágico, dramático, gozador, contraditório catimbozeiro, mulherengo. É branco, negro e índio, ao sabor das exigências do meio caótico-alegórico do mundo onde atua o herói mil vezes tentado por milhões de assombrações. Sonso e altruísta.

Macunaíma, ferozmente brasileiro, é antes de tudo um fraco... aparentemente.

Instado a casar com uma das 3 filhas de Vei (a Sol) recusa apesar do dote:

Na Jangada de Ouro, Vei e Macunaíma, constatam que estavam no Rio de Janeiro:

“era a Avenida Rio Branco (muralha de edifícios), onde mora Vei com suas 3 filhas de

Luz.

- Meu genro: você parece casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra-ti é

Oropa, França e Bahia.

(Macunaíma — página 95)

Por astúcias e pussangas consegue vencer o gigante Paimã.

- Um destaque masculino principal – Macunaíma – o Herói.
- Um destaque masculino secundário – O Espantalho – O Gigante Paimã.
- Vários destaques masculinos – Representando as inúmeras formas que se apresenta Macunaíma – negro, branco e índio e os irmãos de Macunaíma.
- Destaques secundários masculinos – Índios
- Destaques femininos – Índias – As três filhas de Vei (a Sol), nascida da luz que fertiliza – Mulheres do Rio Grande do Norte – Mulheres da Bahia – Filhas da Mandioca.

As alegorias:

- Jangada de Ouro: Onde pousam, repousam e navegam Macunaíma e Vei (a Sol) com suas 3 filhas da Luz. Palco do diálogo da recusa.

Meu genro: você carece casar com uma das minhas filhas. O dote que dou pra ti é Oropa, França e Bahia.”

(Macunaíma – página 95)

- Quatro jangadas de prata: Carregando cacau – moeda corrente no mundo próprio de Macunaíma, o herói tropicalista da badalação.

2° Mestre-Sala e 2ª Porta Bandeira

4° QUADRO (André de Leão - Cassiano Ricardo – Martim Cererê)

- **André de Leão** – Bandeirante agigantado, egoísta, arrogante, pimpão. “homem rutilante de uma raça cor do dia”. Levado pela ambição se perde “na noite verde da floresta e dos campos”, onde é tentado por milhares de assombrações vindas de todos os reinos da natureza, permanentemente verdes. Só encontra o caminho da volta pelo apoio de um Caapora que concentrou todos os pirlampos da floresta numa lanterna improvisada.

“E foi

tão grande o seu desespero

*na encruzilhada
e a noite era tão escura
na floresta e nos campos
que o próprio curupira
ficou com pena
e lhe arranhou uma lanterna
de pirilampos”.*

- Destaque masculino principal – André de Leão – Bandeirante – Homem Rutilante de uma raça cor do dia. De Cabelos Vermelhos e o resto prata.
- Destaques secundários – Masculinos – Pirilampos, pássaros, plantas borboletas.
- Destaques secundários – Femininos – Bichos, lembrando gente, gente com forma de bichos.

5° QUADRO (Negra Fulô - Jorge de Lima):

- **Negra Fulô** – Onde a brejeirice, o dengo e os encantos da escrava, pela simples presença e só por nua, rouba da senhora a preferência do Senhor, austero e violento, senhor de terras e de vidas, agora dócil e vidrado juguete do amor sem cura, condimentado por hormônios e feitiçaria.

*“Ó Fulô! Ó Fulô!
Cadê, cadê teu sinhô
Que Nosso Senhor me mandou?*

*Ah! foi você que roubou,
foi você Negra Fulô?
Essa Negra Fulô!”*

- Destaque feminino principal – Negra Fulô
- Destaques secundários – Feminino – Senhora, Damas, escravas, sinhazinhas.
- Destaques secundários – Masculino – Sinhô – Feitor, Vendedores, escravos, carregadores, cavalheiros.
- **2ª Alegoria – O Palium de Olorum:** Símbolo africano de proteção para a nobreza religiosa ou tribal, com pessoas e objetos do culto ou do poder. Precede a autoridade.

6° QUADRO (O Rei Nagô – Murilo Araújo)

Peiado nas terras africanas, onde era Rei, é trazido para a tortura e a humilhação da escravidão e do relho. Aqui pela astúcia própria e dos seus, compra carta de alforria para toda a comunidade tribal e, em alheias terras, continua Rei, com acólito e corte, e vai aos ofícios religiosos no terreiro ou no templo, com séquito.

*“É o Rei! venceu a dor!
E entre agogôs zoando,
archotes, pachorôs, babalaôs rezando,
O Rei vai vencedor!”*

*É o Rei!
Gorova, Nagô!*

- Destaque masculino principal – O Rei Nago
- Destaque masculino secundário – O Acólito
- Alas – Tocadores de atabaques – Iaôs

7º QUADRO (A Morte da Porta Bandeira – Anibal Machado)

Mataram a Porta-bandeira num domingo de Carnaval, à noite na Praça Onze – eis tudo.

Lançando mão do recurso semiótico da “meta linguagem” literalmente estudada e analisada por Saussure, representamos o conto de Anibal Machado por uma mini escola de samba com o 1º Mestre-Sala e a 1ª Porta-bandeira com a indumentária da época (1922); figurantes, Damas e ritimistas. Em semicírculo e acompanhando permanentemente a mini escola, seguem as figuras de Axexê – ritual fúnebre africano com Eguns, Iaôs, Obás, Alufás que apagam os passos de quem já partiu definitivamente.

- 1º Mestre-Sala e 1ª Porta-bandeira
- Figuras do ritual africano (axexê) Egum, babalaô, iaôs, alufá
- Mini Escola de Samba - Destaques Femininos – Damas nobres, baianas.
- Mini Escola de Samba - Destaques Masculinos – Nobres, Passistas e ritimistas

6º QUADRO (O Cobra Norato – Raul Bopp)

Na grandeza úmida e sem horizontes da Amazônia, onde uma geografia em permanente construção se refaz, a doença dos paués, dos molhados, deu realidade aos delírios do criador e da criatura – Cobra Norato e Raul Bopp.

Cobra Norato é a poesia mítica, folclórico-delirante, sabendo a terra recém saída do Gênesis. Com a obsessão de encontrar a filha da Rainha Luzia (ou Luziá) sujeita-se a um exaustivo ciclo de provas, enfrentando a agressividade endemoniada e mal assombrada das florestas verdes, onde há vozes e cantorias, bichos-gente, bichos-plantas, rio-homem, terra que fala e, sobretudo, a água, a lama que chama e acena, o chão visguento que geme e bolhosos sumidouros que arfam e suspiram. Para vencer o aranhol amazônico Cobra Norato contou com a obsessão pela filha da Rainha Luzia e a amizade fraterna de um companheiro – o “Tatu-debunda-seca” grande conhecedor das espessuras escorregadias da Amazônia, permanentemente, verdes, molhadas e renovadas.

“Brinco então de amarrar uma fita no pescoço e estrangulo a Cobra.

Agora sim

me enfio nessa pele de sêda elástica

e saio a corre mundo

Vou visitar a Rainha Luzia

Quero me casar com sua filha”

- Destaques – 16 Homens e mulheres de Indumentária fantasmagórica caracterizando a zoolatria do ritual ameríndio da Pajelança. Portam um totem – A Serpente.
- Destaque Principal – O Cobra Norato.
- Destaques secundários Femininos – A Rainha Luziá e a Filha da Rainha, 7 mulheres Brancas do Ventre Despovoado. Índias Virgens. Damas da Corte.
- Destaques secundários Masculinos – Nobres da Corte.
- **3ª Alegoria: Caricatura cenográfica do Corso:** “No Carnaval (1922) o chamado “grand-monde”, no jargão dos cronistas mundanos (pois já os havia), bailava tangos, polkas, schotzs, chulas e mazurkas, enquanto os mais exibicionistas faziam o Corso, em carros floridos como em Nice”

9º QUADRO (Máscaras - Menotti Del Picchia)

Pierrot, Arlequim e Colombina. O amor impossível, incompleto e indispensável. Colorido e carnavalesco por anônima imposição. Com moldura a alegria esfuziante do Carnaval lúdico, onírico, imprescindível e fugaz.

- Destaques principais Femininos – Colombina Futurista
- Destaques principais Masculinos – Pierrot Futurista e Arlequim Futurista.
- Destaques secundários Femininos – Colombinas, Bailarinas, Baianas, Morcegos, Dominós, palhaços e Damas
- Destaques principais Masculinos – Negro Mina, Dr. Burro, Morcego, Passistas, Burrinhas, Nobres.
- Bateria – Almofadinhas estilizadas

Retaguarda Bibliográfica:

- Martim Cererê - Cassiano Ricardo
- Puritum - Raul Bopp
- Cobra Norato - Raul Bopp
- Poesias Completas - Murilo Araújo
- Movimentos Modernistas no Brasil - Raul Bopp
- Oropa, França e Bahia - Jaime Ardour Câmara
- Obra Imatura - Mário de Andrade
- Amar, Verbo Intransitivo - Mário de Andrade
- Paulicéia Desvairada - Mário de Andrade
- Macunaíma - Mário de Andrade
- Danças Dramáticas do Brasil - Mário de Andrade
- Evolução Social da Música no Brasil - Mário de Andrade
- Curso Prático da Língua Portuguesa - Jânio Quadros
- Pequena História da Literatura Brasileira - Ronald de Carvalho
- História do Tenentismo - Otávio Malta
- História Breve da Literatura Brasileira - José Osório de Oliveira
- Viagem da Minha Vida - Di Cavalcante
- Carnaval - Manuel Bandeira
- Carnaval - Eneida
- Movimento Modernista - Peregrino Junior
- História da Literatura Brasileira – Nelson Verneck Sodré
- Novos Capítulos da História Literária - Josué Montello
- Artigos - Joaquim Inojosa
- Informação, Linguagem Comunicação - Décio Pignatari
- Canaan - Graça Aranha
- Estética da Vida - Graça Aranha
- O Estrangeiro - Plínio Salgado
- Testamento de Mário de Andrade - Francisco de Assis Barbosa
- O Modernismo - Wilson Martins
- Dicionário do Folclore Brasileiro - Câmara Cascudo
- Roteiro de Macunaíma - Cavalcanti Proença
- História do Modernismo Brasileiro - Mário da Silva Brito
- Apresentação da Poesia Brasileira - Manuel Bandeira
- Poesias - Jorge de Lima
- Máscaras - Menotti del Picchia
- Costumes Africanos no Brasil - Manoel Querino
- O Ritual do Axêxê - Roger Bastide
- História da Música Brasileira - Renato de Almeida
- A Morte da Porta Estandarte - Anibal Machado